

## IMAGEM-PALAVRA DA FOLHA DE SÃO PAULO: PRODUZINDO UMA IDENTIDADE PARAENSE

Prof. Dr. Marcos André Dantas da Cunha – (UFPA/Campus Castanhal)

**RESUMO:** Neste artigo, tomamos como referência teórico-metodológica as noções de enunciado, enunciação e sujeito histórico de Michel Foucault para analisar a construção de uma identidade paraense nas imagens, manchetes e matérias do jornal Folha de São Paulo. A produção discursiva no jornal se utiliza de materialidades verbais e visuais para construir sentidos identitários a respeito do estado do Pará. Assim, o discurso jornalístico além de trazer a palavra, acionando os vários extratos estruturais para construir as possibilidades enunciativas, busca na imagem possibilidades de sentido para produzir representações acerca de uma identidade regional.

**PALAVRAS-CHAVE:** Pará, Discurso, Mídia

### Introdução

Considerando a teoria do discurso, tem-se nos conceitos de enunciado e enunciação pontos fundamentais para a análise discursiva. Com Foucault (2008, p. 56) sabemos que a enunciação é irrepitível e singular. Os enunciados não prescindem de uma construção linguística, de uma língua, mas desde que a esta também esteja subjacente uma dada produção de sentido. Havendo isto, a existência dos enunciados poderia ainda se pautar numa materialidade não linguística.

Então, para além do linguístico ou mesmo do semiológico, a análise arqueológica foucaultiana, para compreender o enunciado, irá tentar fazer emergir sua função enunciativa: “o fato de ele ser produzido por um sujeito, em um lugar institucional, determinado por regras sócio-históricas que definem e possibilitam que ele seja enunciado” (GREGOLIN, 2004, p. 26).

A produção discursiva no jornal se utiliza além do signo verbal da materialidade não verbal. Então, por meio da fotografia jornalística, produzida pelo jornal impresso Folha de São Paulo, se vão construindo sentidos identitários a respeito do estado do Pará. Assim, o discurso jornalístico além de trazer a palavra acionando os vários extratos estruturais para construir as possibilidades enunciativas, busca na imagem possibilidades de sentido para produzir representações acerca de uma identidade regional.

Nesse caso, traremos para análise algumas sequências discursivas verbais e imagens, em relação associativa de sentido que, na produção discursiva jornalística constroem, em sua maioria pelo poder da repetição ou ainda pela dispersão ou apagamento, determinadas identidades do Pará e assim dos paraenses. Desse modo, o enunciador dispõe de aspectos estruturais, desde os fonético-fonológicos até os morfossintáticos produzindo determinados efeitos de sentido.

Para a enunciação jornalística importa produzir determinados efeitos de espetacularização fazendo da notícia produto para a venda ao consumo. Mais do que aquilo que se diz é o como se diz que terá uma importância fundamental para a mídia impressa. Nesse efeito de espetacularização podemos considerar duas posições a respeito dos enunciados imagéticos, que tendem a aparecerem em complementaridade de sentido com o texto jornalístico verbal

[...] a imagem representa a realidade, certamente; mas ela pode também conservar a força das relações sociais (e fará então impressão sobre o expectador) [...] prestar atenção como certa imagem é uma produção cultural – quer dizer, a levar em consideração sua eficácia simbólica (DAVALLON, 2007, p. 27).

Pela imagem, o jornal, de modo estratégico tenta efetivar para o leitor enunciatário uma realidade que ainda que construída discursivamente possa maximamente parecer a própria realidade. Também pela imagem, em sua força simbólica, metaforicamente se retomam sentidos da cultura: os signos vão ao encontro de uma memória de um passado presentificado.

Dessa maneira, a mídia compromete-se em instaurar nos leitores/consumidores uma produção dada do sentido, no caso, aquele que se coloca como mais interessante para seus produtores. Desse modo: “O que os textos da mídia oferecem não é a realidade, mas uma construção que permite ao leitor produzir formas simbólicas de representação da sua relação com a realidade concreta” (GREGOLIN, 2003, p. 97). Ao construir imagens simbólicas, a mídia se faz propositiva e instituidora da elaboração do imaginário social. Por ela, se

configuram imagens que os indivíduos tecem de si e dos outros, dos mais próximos e mais distantes, considerando essa rede de interação social.

Pelo acontecimento jornalístico a mídia alça um determinado evento à condição de espetáculo. A mídia constrói imagens tanto por meio da palavra escrita quanto da linguagem verbal que veiculam símbolos historicamente significativos para a coletividade. Os próprios símbolos carregados de sentidos se mostram indispensáveis às necessidades do consumidor midiático: “Desta maneira, o sistema simbólico parece funcionar como um ‘mercado’, onde diferentes discursos específicos podem trocar entre si certos estereótipos exemplares” (GREGOLIN, 2003, p.98).

### A identidade paraense pela violência agrária e infantil

Nesse artigo focalizaremos a análise em seis imagens que nos parecem produtoras de identidades a respeito do estado do Pará. Em sua maioria analisaremos as imagens e os textos verbais direta ou indiretamente a elas associados. Assim, analisaremos primeiramente uma fotografia delimitada a temática da violência agrária, em seguida, traremos duas fotografias inseridas no tema do desmatamento e queimadas. Na sequência analisar-se-á uma fotografia sobre o Círio de Nazaré. Finalmente, faremos a análise de uma fotografia vinculada à temática indígena.

O Pará aparece em muitos textos da Folha de São Paulo restritivamente delimitado ao violento conflito agrário. Assim, verifiquemos um texto nesse eixo temático, aparecendo numa seção com o título ‘Brasil Profundo’.

São Paulo, domingo, 21 de setembro de 2003 **FOLHA DE S. PAULO** brasil

**BRASIL PROFUNDO**

São Félix do Xingu, palco de recente chacina, é a 2ª maior cidade do país e tem 70% de suas terras griladas. Matadores espalham medo em terra sem lei

Foto 1. Seis dos sete trabalhadores rurais mortos a tiros junto com um fazendeiro, durante chacina em São Félix do Xingu (PA), são enterrados.



Foto: Paulo Santos - 17set.2003/Associated Press  
MAURÍCIO SIMONATO / FREE-LANCE PARA A AGÊNCIA FOLHA, EM SÃO FÉLIX DO XINGU

O adjetivo ‘Profundo’ funciona como adjunto adnominal junto ao substantivo ‘Brasil’, núcleo do sintagma. No enunciado o termo sintaticamente nuclear ocupa a posição central, sendo delimitado por um sentido que o particulariza. Assim, não é de qualquer ‘Brasil’ que se fala, é do ‘Brasil Profundo’. Portanto, podemos compreendê-lo numa perspectiva qualitativa, em oposição a superficial. A proposta editorial da seção é tratar os temas de modo relevante, com seriedade, procurando ir ao âmago das causas dos assuntos tratados.

O adjetivo 'profundo' pode ainda ter o sentido mais espacial, referindo-se ao que está dentro, não está fora, também o que está escondido, o que está longe. Nesse caso, falar de uma parte do 'Brasil' que estaria distante do lugar do qual o sujeito enunciador fala. Talvez, um país que precisa ser visto, ser demonstrado pelo texto do jornal. Ou ainda, por se tratar de fatos que apontam para um nível de organização social primário, sob determinados parâmetros.

Essa notícia apresenta um recurso linguístico nominal, o substantivo 'chacina', que remeterá a memória do enunciatário, leitor, a outro acontecimento discursivo no mesmo eixo temático. Este acontecimento se fez emblemático na identificação do estado do Pará com a violência agrária: a chacina de Eldorado de Carajás. Nesse evento, ocorrido no ano de 1996, 19 trabalhadores rurais foram mortos pela Polícia Militar do Estado do Pará.

O primeiro enunciado da notícia refere-se à chamada 'São Félix do Xingu, palco de recente chacina, é a 2ª maior cidade do país e tem 70% de suas terras griladas'. Aqui se denomina o município que nos créditos da foto será incluído no estado do Pará. Os dois enunciados que aparecem vinculados à cidade referida apresentam uma intradiscursividade, pelo fato de que a presença do substantivo 'a chacina' (núcleo temático do texto) vai ser justificada no sentido expresso pelo segundo enunciado, ou seja, pelo fato de a maior parte da terra ser grilada, isto é, ocupada e vendida, isto provoca conflitos, até 'chacina'. Esses eventos, exemplos mais radicais de violência, vêm sendo regularmente veiculados pelo jornal "Folha de S. Paulo" quando se trata do estado do Pará, como também pelos demais meios de mediação de produção discursiva. Sendo, então, muito propícios à produção do espetáculo jornalístico.

Daí, em seguida o substantivo 'palco' vem demonstrar a espetacularização do real por parte do discurso jornalístico. As 'chacinas' presentificam o distante, buscando aproximá-lo. No entanto, isto, por sua vez, produz efeitos de distanciamento. De tanto se falar de um evento, este se torna acontecimento, por isso acaba por representar-se por si, isolando-se de suas determinações históricas. Não mais é o sujeito que fala, nem o tempo, mas o acontecimento alçado ao 'palco', num efeito de espetáculo, imanente às contingências de sua circuns-tancialidade.

Assim, percebemos na foto jornalística acima a produção de um sentido de similaridade entre o espaço do cemitério, simbolizado pela "cruz", e o espaço da "roça", representado pelas enxadas, como se estivessem "arando", o que caracteriza o trabalho dos lavradores da terra.

A "cruz" também recupera uma memória de longo prazo, se recorrermos ao movimento de colonização do estado, em que os portugueses diante dos nativos da região apresentavam-se numa posição de poder.

Ainda por meio dessa imagem aciona-se o espaço da roça, espaço de produção dos trabalhadores rurais. Assim, pelo espaço da "sobrevivência" se chega até o espaço da "morte". Dessa maneira, o efeito de sentido produzido pela imagem do sepultamento dos 'trabalhadores rurais mortos', feito aparentemente por outros 'trabalhadores', remete a memória do leitor ao discurso produzido não pelo meio midiático, mas ao discurso artístico do cancionista nacional: "essa cova em que estás com palmo medida é a conta menor que tivestes em vida. Não é cova grande nem largo nem fundo, é a conta menor desse latifúndio"<sup>1</sup>. Por aí fica demonstrado o atravessamento entre dois sujeitos discursivos: o sujeito da mídia jornalística e o sujeito literário, artístico.

Além da violência dirigida aos homens, no caso, dos conflitos agrários, resultando, como se viu em chacinas e assassinatos de lideranças rurais, outro tipo de violência repetidamente veiculada na Folha de S. Paulo a respeito do Pará, é a exploração da força de trabalho, tanto adulta quanto infantil.

Então, se densa era a floresta amazônica, colonial e de dificultosa penetração, a partir do intenso movimento migratório interno passou a ser ocupada com grandes diferenças socioculturais, provocando focos de tensão, de conflitos sociais e exploração humana.

Analisemos uma manchete e chamada de notícia, bem como uma foto jornalística a ela vinculada a respeito da prática do Trabalho Infantil no estado do Pará. Este tipo de prática se faz mais violenta, por envolver o ser humano de uma faixa etária em que o próprio trabalho, sob quaisquer condições, ainda que as mais viáveis, se faz contraindicado.

O texto publicado no caderno 'cotidiano' tem como título 'infância'. Por estar incluído nesse caderno indicaria uma temática que faz parte do dia a dia, da rotina, algo talvez, corriqueiro e comum referente às crianças da cidade de 'Paragominas', do estado do Pará. Há duas chamadas em dois enunciados. No primeiro, faz-se uma referência temporal 'desde novembro de 97'. Desse modo, tendo em vista ter sido veiculada a notícia em novembro de 2001, implica-se então que, em quatro anos, 'pelo menos 20 menores' tiveram

---

<sup>1</sup> Texto do poeta brasileiro João Cabral de Melo Neto intitulado 'Morte e Vida Severina' que serviu de trilha sonora para a peça homônima de Chico Buarque de Holanda.

queimados 'mãos e pés'. Nesse caso, o uso da expressão quantitativa 'pelo menos' aponta para um índice no sentido crescente.

Logo em seguida, no predicado verbal da formulação enunciativa, se irá anunciar a informação que começará a delimitar o tema da notícia. A queimadura dos 'menores' ocorreu por terem caído 'em covas de terra em Paragominas'. Essa delimitação se efetivará na chamada seguinte, pois, se o fato de terem caído em 'covas de terra' não aponta necessariamente para algo mais sistemático, podendo se caracterizar como acidente, quando se personifica o substantivo 'fornos de carvão', atribuindo-lhe a ação de mutilar crianças no 'PA', se caracteriza uma ação direta entre 'crianças' e 'fornos de carvão'.

Os 'fornos de carvão' exercem uma violência sobre as 'crianças'. O fato de a mutilação ter sido feita pelos 'fornos de carvão', e daí esse termo indicar produção de 'carvão', aponta para o trabalho, pois onde há produção há trabalho. Desse modo, as crianças foram mutiladas pelo trabalho, atividade que não é permitida à infância.

Na segunda chamada, diante de uma ação sofrida, ser mutilado pelos 'fornos de carvão', estende-se a localização territorial das 'crianças', e não são somente às de 'Paragominas', mas sim as do 'PA': as crianças do Pará trabalham e são mutiladas por esse trabalho.

Ainda verifica-se que a palavra 'carvão' referida à qualidade dos 'fornos' irá trazer uma relação de inclusão com o substantivo 'árvore', termo metonímico de vegetação, de "floresta", mais especificamente uma intervenção ambiental negativa no espaço da natureza: sua destruição nas queimadas. Assim, se é pelas "queimadas" que se destrói a "natureza" do estado do Pará, também por ela se destrói as 'crianças', sua infância.

A criança em primeiro plano na foto jornalística é identificada com nome próprio e de família. Então, fica inscrito o fato de a mutilação ser um processo social, com determinação do econômico. Assim, ocorrendo com menores no trabalho 'junto com os pais', naquilo que eles fazem no dia a dia.

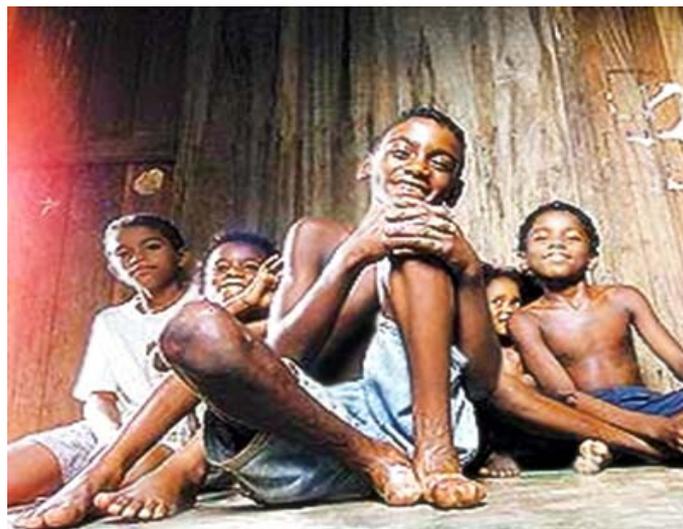
São Paulo, segunda-feira, 12 de novembro de 2001

**FOLHA DE S. PAULO cotidiano**  
INFÂNCIA

Desde novembro de 97, pelo menos 20 menores queimaram mãos e pés ao cair em covas de terra em Paragominas Fornos de carvão mutilam crianças no PA.

ULISSES CAMPBELL / FREE-LANCE PARA A AGÊNCIA FOLHA, EM PARAGOMINAS

Foto 2. Jarmison dos Santos, 11, que aos dois anos queimou os pés ao cair em um forno e que hoje só consegue usar calçados especiais.



Fonte: Marlene Bergamo/Folha Imagem.

O discurso jornalístico pauta-se no binômio generalidade e ilustração, no todo e na parte, na amplitude do relato e em seu detalhamento, maximamente próximo e daí realista. Daí, o jornal possibilita a visualização

das crianças mutiladas pelo trabalho infantil imprimindo um realismo ao que é dito, fazendo-se o leitor testemunhar aquilo que a enunciação jornalística enunciou.

Em primeira dimensão, diante de outras crianças, destaca-se a imagem de 'Jarmison dos Santos'. Este aparece com os pés mutilados, parecendo ficar dito para o leitor que a causa da "chocante" mutilação infantil ser a "arcaica" forma de exploração do trabalho infantil nas carvoarias de 'Paragominas', município paraense. No entanto, a própria imagem ressalta a identidade infantil do sujeito mutilado, ao expor seu sorriso. Este, por sua vez, tende a reforçar a violência da mutilação, portanto, do trabalho infantil no estado do Pará.

Ainda, a cor da pele e as vestimentas das crianças mostram-se como indícios de identidades sociais, étnicas, realçando, então, um pertencimento à população mestiça de baixo poder econômico. Também a casa em madeira demonstra o uso popular dessa matéria prima na construção de moradias.

### A identidade pela degradação ambiental da floresta amazônica paraense

Quem fica com a floresta? Quem derruba a mata e leva embora a madeira? Quem coloca o gado? Quem serra as árvores e diminui os rios? Esse tema aponta para a produção de uma identidade acerca do estado do Pará.

Retomando a "espetacularização" do acontecimento construída pela lente imagética do jornal, verifica-se o jogo de cores com que se demonstram as 'queimadas' na área de 'São Félix do Xingu' no 'Pará'. Na imagem da floresta em chamas, o verde das árvores em sua iminência de "morte" se faz personagem exposto ao terror da destruição, solícito de "socorro". Não é tanto o meio ambiente em ameaça que se demonstra como motivo do debate, mas sim o atraente e sedutor "espetáculo" de sua destruição. Muito mais do que denunciar os atores sociais, responsáveis pela degradação ambiental, o objetivo maior da indústria da informação é transformar tal fato noticiado em espetáculo e, assim, promover os sujeitos sociais à condição de "protagonistas" de uma sedutora narração midiática; tornar o evento um enredo a ser "compulsivamente" buscado pelos enunciatários, consumidores do jornal.

Vejamus outro texto-imagem veiculado pela Folha de São Paulo com esta mesma temática. Neste caso, além de espetacularizar a degradação ambiental praticada no estado do Pará, tende a articular outras produções de sentido identitários a respeito do estado.

Na foto jornalística que ilustra a devastação da floresta, testemunha-se "uma queimada". A cena expressa o resultado das 'queimadas', aquilo que fica: um cemitério florestal. À frente, o foco no que resta, ou seja, tocos queimados, carvão vegetal. Ao fundo, a sobrevivente floresta ameaçada pela destruição.

S. Paulo, 14 de março de 2005 **FOLHA DE S. PAULO** ciência

Foto 3. Queimada no município paraense de São Félix do Xingu, feita no ano passado; área desmatada ali cresceu sete vezes desde 1997



Fonte: Dado Galdieri/AP - 07/04/2004

Na imagem da mata carbonizada, a testemunha de uma memória destruída nos restos da destruição, o 'carvão', 'a lenha'. Esses, num mesmo campo associativo de sentido, remetem ao fogo de 'lenha', de 'carvão', muito usado nas residências mais populares e rurais do estado do 'Pará'; remetem ainda

particularmente ao tema do trabalho 'infantil' nas 'carvoarias de Paragominas'. Ao lado da foto jornalística, temos o crédito: 'Queimada florestal feita por pequenos proprietários para criação de gado em Tailândia, Pará'.

A agressão à natureza será identificada não somente aos grandes proprietários e aos que a eles estão relacionados, mas também, no município de 'Tailândia', aos 'trabalhadores'. Segundo o jornal, os pequenos proprietários desmatam a floresta para criar gados, praticando 'queimadas' nas áreas devastadas.

Essa imagem se faz "denúncia" na medida em que há um saber relativo à floresta que diz ser a preparação para a agricultura a partir de 'queimadas', de prejuízos para a terra. A imagem tanto denuncia quanto deixa implicado um tipo de manejo florestal ultrapassado usado na região, distanciando os produtores de um conhecimento "científico", produtivo em outros estados que não recorrem a esse procedimento.

Foto 4. Queimada florestal feita por pequenos proprietários para criação de gado em Tailândia, Pará.



Fonte: Antônio Gaudério - 25/10/2004/Folha Imagem.

CLAUDIO ANGELO, EDITOR DE CIÊNCIA

CRISTINA AMORIM FREE-LANCE PARA A FOLHA

### A identidade paraense pela manifestação religiosa, exótica e mítica

Outra temática bastante recorrente na Folha de São Paulo a respeito do Pará é o Círio de Nazaré, o qual analisaremos uma foto e seus créditos. Há duzentos e dezoito anos acontece na capital paraense, Belém, essa manifestação promovida pela Igreja Católica com a adesão de diversas instituições oficiais e não oficiais. É a atividade que mais reúne pessoas no estado do 'Pará'. Esse evento, por ocorrer todos os anos e pela sua dimensão, representa "a tradição" cultural de maior visibilidade do estado, ou ainda a mais regularmente divulgada pela imprensa brasileira.

A procissão revela-se não pelo andar acelerado e entrecruzado em diversidades de rumos do cotidiano, mas atravessada pelo ritmo do sagrado, que pode responder por uma necessidade. Assim, no dizer de Certeau (2008, p. 183): "Caminhar é ter falta de lugar. É o processo indefinido de estar ausente à procura de um próprio".

O tempo do 'Círio' se faz num calendário promovedor de um grande poder sob a rotina dos paraenses. Segundo Le Goff (2008, p. 478):

[...] a intervenção dos detentores do poder na medida do tempo é um elemento essencial do seu poder: o calendário é um dos grandes emblemas e instrumentos do seu poder; por outro lado, apenas os detentores carismáticos do poder são senhores do calendário: reis, padres, revolucionários.

Diante do carismático poder da igreja instituída na figura de sacerdotes, principalmente dos santos declarados pelo poder papal, perdura pelo tempo de longa duração uma festa que a cada ano se mostra mais viva e vai se disseminando em variadas expressões; diversa, mas atada pela unidade do simbólico:

A imagem do 'Círio de Nazaré' apresenta a corda, tradicional elemento constituinte da procissão. Essa surgiu inicialmente funcionando como proteção à berlinda da santa 'Nossa Senhora de Nazaré'. No entanto, no decorrer dos anos, foi se fortalecendo o seu caráter simbólico

São Paulo, segunda-feira, 11 de outubro de

2002 FOLHA DE S. PAULO **brasil**

Foto 5: Grupo de fiéis segura corda durante a procissão do Círio de Nazaré, em Belém do Pará.



Fonte: Zehbrauskas (2002)

em relação aos promesseiros. A maioria dos que seguram na corda trazem na identidade uma identificação por um 'milagre' alcançado, geralmente os mais difíceis, ou ali estão pela catarse espiritual e física diante do grande esforço de permanecerem seguros numa corda em meio a uma imensa multidão.

A posição horizontal indicada pelo enunciado fotográfico demonstra um posicionamento não hierárquico entre os 'fiéis', até mesmo de solidariedade entre eles. O verbo 'segura', aparecendo no enunciado que funciona como crédito da foto jornalística, pode estar indicando, além de firmeza física, uma grande segurança em relação à fé compartilhada. A perspectiva em que a foto foi retirada indica um trajeto progressivo da procissão, demonstrando uma certa distância, bem como um longo trajeto relativo ao percurso.

Efetiva-se, então, no 'Círio de Nazaré', um calendário instituído pela igreja, marcado pelo sagrado, exercendo um fascínio cúmplice e necessário sobre as multidões, estando acima do tempo e do espaço. Por isso um simbolismo inscrito no calendário dos dias, dos meses, das horas, movimentando diferentes espaços. Assim, se faz o tempo de se exercer rituais perante o anúncio do novo 'Círio': rituais de venda dos produtores atentos, de compras para a preparação, de viagens daqueles que retornam para encontrar os seus, aproveitando-se do calendário. Ritos ainda mais próximos do carisma dos que choram diante da imagem, dos que se identificam com o martírio da Santa.

O caráter de espetáculo da festa do 'Círio' em Belém do Pará parece ser ressaltado. Assim, tende a ser noticiado, conforme os textos analisados da Folha de São Paulo, como uma manifestação marcada pela evasão de uma realidade, numa visão que tende a separar, colocando de um lado o cotidiano, o dia a dia, e de outro a experiência do sagrado, do mito expressivo do retorno.

### **A identidade paraense marcada pela dispersão: o índio como um apêndice de um lugar-espaço**

As imagens e sequências verbais discursivas analisadas até aqui referem-se a textos bastantes recorrentes no jornal Folha de São Paulo. Traremos agora, um enunciado verbal imagético que aparece de

modo bem disperso nesse mesmo jornal. Tal dispersão tanto pelo fato de serem poucos os textos que tratam de parques indígenas quanto pela referência a 'parques indígenas' circular em uma variedade de textos abordando as temáticas referidas anteriormente. A referência ao índio na grande maioria dos textos analisados da Folha de S.Paulo sobre o estado do Pará se fez como uma citação às áreas indígenas, ressaltando-se sua preservação ou destruição. Nos enunciados acima, constituídos por uma foto jornalística e seus créditos, relaciona-se a identidade 'indígena' com a preservação ambiental, numa região fronteira entre os estados do 'Pará' e 'Mato-Grosso'.

Esses estados são identificados ao mesmo tempo com áreas 'indígenas' e de degradação ambiental, como é o caso do município de 'São Félix do Xingu', citado como um dos recordistas do 'desmatamento e queimadas' no país.

Desse modo, o fato de o jornal focalizar sua enunciação no 'desmatamento e queimadas' das 'florestas', conforme se viu anteriormente, destaca os sujeitos da degradação e esconde os sujeitos da preservação. Os 'indígenas' aparecem no enunciado, expresso em forma de crédito da foto jornalística acima, como adjetivo do substantivo.

Vejamos: 'Trecho de mata amazônica intacta no Parque Indígena do Xingu, na divisa de Mato Grosso com o Pará'.

O substantivo 'trecho' aponta para a área preservada demonstrada na foto jornalística. Nessa vimos duas grandes faixas de terras encobertas pelo verde das árvores da floresta. Essa mostra-se recortada pelo grande espaço de água, demonstrando uma imensa extensão. Na imagem aparecem outras partes de água por entre o verde. Fica ressaltada assim uma paisagem composta pela convivência entre o verde e a água dos rios, caracterizando o espaço amazônico. Este retorna pela remissão, por uma memória relativa a outras imagens referidas na mídia em relação à Amazônia. Esta se faz mostrada como um grande vazio demográfico que, embora nele se refira ao índio, este não aparece.

Foto 6: Trecho de mata amazônica intacta no Parque Indígena do Xingu, na divisa de Mato Grosso com o Pará



Fonte: Rafael Garcia - 29. jun.2006/Folha Imagem

Focalizemos então nossa análise no sintagma nominal 'parque indígena do Xingu'. O adjetivo 'indígena' aparece como um termo adjunto ao substantivo 'parque'. Os povos 'indígenas' e sua cultura, que pela foto jornalística são identificados com a Amazônia, com o 'Xingu', com o 'Pará', são referidos como designação de um 'parque' encontrado no 'Xingu'.

O termo 'parque' designador do rio 'Xingu' faz parte do meio ambiente identificado ao índio. No primeiro substantivo verifica-se a analogia com um campo semântico relativo ao meio urbano. Segundo Bueno (2001, p. 419): "s. m. Terreno murado ou vedado; jardim extenso; área verde de uso particular ou público". Em 'parque' se faz referência ao espaço da propriedade, conforme a visão da cultura branca, a uma delimitação estabelecida pela cultura que se autodesigna como "civilizada".

O índio, portanto, aparece no enunciado referido como: uma espécie de qualificativo delimitador de uma área estabelecida pelo outro, pelo branco colonizador. O nativo amazônico 'paraense' aparece referido a um lugar instituído pelo poder oficial do estado que não corresponde ao seu espaço natural. O 'indígena' surge como uma marca distante, identificado em seu lugar, estando presente nessa forma designativa como prova de importância da "civilidade" do enunciador "branco". Seria uma prova do respeito dirigido a esse "outro" pelos representantes da "civilização". Nesse sentido, encontramos um dizer de Orlandi (1990, p. 165):

O branco, ao falar em direitos, estabelece os critérios legítimos para o exercício desse direito. No contato cultural que estabelece com o índio que tem a direção do dominador para o dominado – o branco extingue os fatos que satisfariam os critérios que inventou como legítimos. Ao apagá-los, os brancos tiram dos índios, simultaneamente, os seus direitos.

Então, ao se identificar os índios com a preservação, como dissemos, se criam 'parques', que, distantes da dinâmica cultural dos povos 'indígenas' de ocupação do espaço, acabam não apresentando identidade com esses. Desse modo, tais espaços dos 'parques' se fazem visibilidade não pela cultura 'indígena' em sua diversidade e peculiaridade, mas como registro de tensionamento de poder entre os brancos assimilados ou não a ordem econômica.

### Das palavras finais

Mais do que apresentar as atitudes e os interesses provocadores de "queimadas" e "desmatamento", "trabalho escravo e infantil", "Círio de Nazaré", ou ainda a "Questão Indígena", interessa para o jornalismo, por meio de materializações verbais ou de imagens provocadoras de sentidos, transformar os fatos/eventos em "produtos", distanciados do tempo e do espaço do vivido, mas realçados à exposição na "vitrine" atenta aos desejos fugazes.

Pela espetacularização produzida discursivamente na prática jornalística, tende-se a hiperbolizar a informação. Dessa maneira, provocam-se os sentidos dos enunciatários do jornal e assim se produzem e/ou realçam-se determinadas identidades. Mais do que informar a respeito dos fatos, importa causar 'sensação' nos leitores, respondendo ao objetivo do discurso jornalístico de fazer-se ouvido e anunciado, e até mesmo "desejado", para que muitos e mais outros venham lhe buscar.

### REFERÊNCIAS

- BUENO, S. *Minidicionário da Língua Portuguesa*. São Paulo: FTD, 2001.
- CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano*. Trad. Ephraim Ferreira Alves, 15. Ed. Petrópolis, RJ : Vozes, 2008.
- DAVALON, J. A imagem, uma arte de memória? In: ACHARD, P. et al. *Papel da memória*. 2. ed. Trad. e Introdução: José Horta Nunes. Campinas: Pontes Editores, 2007. p. 23 – 32.
- FOUCAULT, M. *A Arqueologia do Saber*. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- GREGOLIN, M. R.. A mídia e a espetacularização da cultura. In: GREGOLIN, M. do R. (org.). *Discurso e Mídia: a cultura do espetáculo*. São Carlos: Claraluz, 2003. p. 9-17.
- \_\_\_\_\_. *Foucault e Pêcheux na análise do discurso – diálogos & duelos*. São Carlos: Claraluz, 2004.
- LE GOFF, J. *História e Memória*. Trad. Bernardo Leitão. 5. ed. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 2003.
- ORLANDI, E. P. *Terra a vista. Discurso do confronto: velho e novo mundo*. Campinas: Ed. da Universidade Estadual de Campinas, 1990.